

Relatório de atividades

INTERDISCIPLINARIDADE E EVIDÊNCIAS NO DEBATE EDUCACIONAL

2019



iede





SUMÁRIO

Apresentação >03

Nossa atuação >05

1. Combate à assimetria de informações >07

_1.1 Análise dos questionários do Saeb 2017 >07

_1.2 Coluna Pesquisa Aplicada, em parceria com a Nova Escola >09

_1.3 Estudo sobre a importância de um olhar multidimensional para os professores >09

2. Combate às desigualdades educacionais >10

_2.1 Análises sobre as diferenças de desempenho entre alunos de nível socioeconômico alto e baixo e entre estudantes da rede pública e privada >10

_2.2 Lançamento do estudo Excelência com Equidade no Ensino Médio >11

_2.3 Realização do projeto Educação que Faz a Diferença >14

_2.4 Avaliação diagnóstica dos centros de mídias do Amazonas e do Pará >15

3. Avaliações diagnósticas com significado pedagógico >16

_3.1 Lançamento do Mapa da Aprendizagem >16

_3.2 Ajustes e mudanças nas avaliações à luz da BNCC >16

4. Projetos contratados >17

_4.1 Análise das escolas da rede Sesi >17

Equipe >19



APRESENTAÇÃO

O ano de 2019 foi muito especial para o Iede, pois representou a concretização de projetos de grande escala e impacto e a construção de importantes parcerias, sendo que uma delas possibilitou a realização de um estudo nacional, com pesquisa de campo nos 26 Estados da Federação. Mais do que isso, foi um ano em que demos luz às desigualdades presentes na Educação brasileira e apontamos alguns caminhos a fim de reduzi-las.

Três dos nossos maiores projetos - a plataforma de dados educacionais **Mapa da Aprendizagem** e os estudos **Excelência com Equidade no Ensino Médio** e **Educação que Faz a Diferença** - estão alinhados à nossa visão de que os diagnósticos são fundamentais como pontos de partida, mas é imprescindível que, a partir deles, sejam tomadas ações efetivas.

No Mapa da Aprendizagem, especificamente, olhamos para os dados de aprendizagem dos estudantes de todos os países participantes do Pisa (Programme for International Student Assessment). No entanto, não nos limitamos às médias ou ao percentual de alunos

com aprendizado adequado: um dos diferenciais da plataforma é trazer também fatores contextuais, como escolaridade dos pais, apoio que dão aos estudos dos filhos, expectativas dos alunos em relação ao futuro e sentimento de pertencimento com a escola. Para promovermos as mudanças necessárias, entendemos que é essencial compreender os aspectos que influenciam os resultados.

Na estudo Excelência com Equidade no Ensino Médio documentamos os diferenciais das escolas que conseguem bons resultados com alunos de baixo nível socioeconômico. Por meio dele, revelamos que, hoje, conseguir sucesso nessa etapa sem um modelo de ensino integral é algo raro (somente 18 das 100 escolas de destaque identificadas são de tempo regular). Esta é a terceira edição de uma série de pesquisas sobre boas práticas na Educação, que começou em 2012, com o mapeamento dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Na ocasião, o estudo era coordenado pela Fundação Lemann, sendo de minha responsabilidade já que atuava como gerente da área de pesquisas da organização. Em





2017, com a fundação do lede, a continuidade da série passou a estar sob nossa coordenação e com apoio da Fundação Lemann, do Itaú BBA e do Instituto Unibanco. Queremos expandi-la, ampliando as análises nos próximos anos, por entendermos que é preciso chegar aos gestores de Secretarias de Educação e escolas e aos implementadores de políticas públicas mais evidências do que dá certo na área. Precisamos combater a assimetria de informações e disseminar estratégias e práticas associadas a bons resultados educacionais.

Já para a realização do estudo Educação que Faz a Diferença nos aproximamos de atores que estão na ponta acompanhando e monitorando o trabalho dos municípios. É o caso dos Tribunais de Contas (TCs) e da associação que os congrega, o Instituto Rui Barbosa (IRB), que visa a aprimorar as atividades exercidas nos TCs do país por meio de capacitações, seminários e debates, entre outras atividades. De forma até então inédita, auditores dos Tribunais de Contas passaram por capacitação e atuaram como pesquisadores de campo, registrando as



práticas mais significativas das redes municipais de ensino que se destacam em seus respectivos Estados. Essa parceria nos permitiu ganhar capilaridade e oferecer à sociedade um estudo verdadeiramente plural, com bons exemplos educacionais de todos os cantos do país.

Esses e outros projetos nos animam e nos dão a certeza de que estamos no caminho certo, atuando pela disseminação de dados e evidências e informando sobre as práticas que efetivamente podem colaborar para a redução das desigualdades educacionais. Seguimos sonhando e trabalhando para que todas as crianças e jovens tenham igualdade de oportunidades!

Convidamos você a conhecer um pouco mais do nosso trabalho.

Boa leitura!

Ernesto Martins Faria,
diretor-fundador do lede.

NOSSA ATUAÇÃO

Em 29 de novembro de 2019, o Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede) completou dois anos de existência. A criação da organização surgiu a partir da constatação e incômodo do pesquisador Ernesto Martins Faria com o fato de que evidências de pesquisas – o que dá certo e o que não dá em Educação – são pouco consideradas nas tomadas de decisão na área. Além disso, estudar a fundo o público alvo, quando se trata de Educação, ainda não é algo habitual no país.

Visando primordialmente à produção de mais estudos em temas relevantes de Educação, bem como à disseminação de forma qualificada de dados públicos pouco conhecidos e debatidos, foi fundado o Iede. O que começou em 2017 como um sonho individual de um pesquisador, em 2019 consolidou-se em ações de larga escala, envolvendo dezenas de pessoas e organizações renomadas.

Enquanto em 2017 e 2018, o Iede teve uma atuação mais ampla, diante da quantidade de dados públicos com grande potencial de gerar discussões relevantes; em 2019, buscamos nos concentrar em três áreas que julgamos cruciais:



1 **Combater a assimetria de informações;**



2 **Combater as desigualdades educacionais;**



3 **Trabalhar para que as avaliações diagnósticas tenham um significado pedagógico e possam orientar redes de ensino e escolas em sua atuação.**

Sabemos que a Educação brasileira tem muitos desafios e a tentação de querer atacar múltiplas demandas simultaneamente é inevitável. Afinal, é urgente aumentarmos a aprendizagem dos estudantes e isso depende de uma junção de fatores. Porém, em um cenário em que há muito a ser feito, também consideramos que é preciso foco para otimizar os esforços. Por essa razão, a escolha dos três pilares acima, que consideramos fundamentais e nos quais temos mais contribuições efetivas a dar.

No primeiro deles, de combate à assimetria de informações, analisamos as respostas dos professores, alunos e diretores escolares aos questionários do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) a fim de compreender quem são, o que pensam e quais são as práticas adotadas pelos principais atores envolvidos na Educação brasileira. Já junto ao Instituto Península, elaboramos o estudo “Docência em dados: uma visão integral dos professores brasileiros”, feito a partir da tabulação de microdados da Talis (Teaching and Learning International Survey) e de uma revisão bibliográfica sobre pesquisas já realizadas sobre os educadores. Com isso, conseguimos realizar uma análise fundamentada sobre formação e desenvolvimento profissional dos docentes, seus aspectos socioemocionais, propósito e saúde. Por fim, mantivemos a parceria iniciada em 2018 com a Associação Nova Escola para a publicação da coluna semanal Pesquisa Aplicada, que levou até os educadores evidências de pesquisas produzidas nas universidades que pudessem contribuir com práticas de gestão ou de sala de aula.



O segundo pilar, de combate às desigualdades educacionais, foi o que concentrou os maiores projetos do lede no ano. Foram quatro no total. A pedido do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), fizemos uma avaliação diagnóstica do Centro de Mídias de Educação do Amazonas (Cemeam) e do Centro de Mídia do Sistema Educacional Interativo do Pará (SEI), que oferecem Ensino Médio em localidades, em geral, sem oferta de Ensino Médio regular. Publicamos o estudo Excelência com Equidade no Ensino Médio, que traz as principais estratégias das escolas de Ensino Médio que conseguem bons resultados com alunos de baixo nível socioeconômico; e analisamos os dados do Pisa (*Programme for International Student Assessment*) 2018 para discutir as diferenças de desempenho entre alunos de nível socioeconômico alto e baixo e dentre aqueles que estudam em escolas públicas e privadas. Ainda com olhar para



promover equidade, realizamos o estudo Educação que Faz a Diferença, que reconhece redes de ensino com bons resultados educacionais e traz um mapeamento de boas práticas de gestão e relacionadas à Secretaria de Educação.

Já no pilar de trabalho para que as avaliações tenham significado pedagógico, lançamos o Mapa da Aprendizagem, que propõe uma discussão mais ampla a partir dos dados do Pisa. Junto ao Movimento pela Base, estudamos as mudanças necessárias nas avaliações para que estejam alinhadas à Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Todas essas ações estão fundamentadas na nossa visão de ter um sistema educacional de referência no Brasil, que utiliza evidências de pesquisa nas tomadas de decisão e que oferece um ensino de qualidade com igualdade de oportunidades para todos e todas.

1 COMBATE À ASSIMETRIA DE INFORMAÇÕES

Para que gestores possam tomar as melhores decisões em relação a políticas públicas, é preciso que conheçam a Educação brasileira em profundidade, com as suas singularidades e complexidades. Sabe-se que o uso de dados e evidências ainda não é algo recorrente. Por isso, o lede considera fundamental munir o debate público de análises bem fundamentadas que possam tanto trazer mais conhecimento sobre como funciona a Educação e o que pensam os principais atores nela envolvidos, como subsidiar decisões de nível macro (federal, estadual ou municipal) e nível micro, gerando mudanças nas práticas de sala de aula, por exemplo. Veja a seguir os principais projetos do lede em 2019 com esse foco:

1.1. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS DO SAEB 2017

Tabulamos com exclusividade e analisamos as respostas dos professores, diretores e alunos aos questionários do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) 2017. Para facilitar o entendimento, organizamos as questões em seis documentos:



Desafios Escolares: 61,4% dos diretores de escolas públicas disseram que faltaram livros didáticos para os alunos, em 2017. Em seis

Estados e no Distrito Federal, o percentual de diretores que reportou falta de livros didáticos ultrapassou 70%: Rondônia (75,3%), Mato Grosso (75,3%), Mato Grosso do Sul (75,3%), Distrito Federal (73,2%), Bahia (71,5%), Rio Grande do Norte (70,4%) e Espírito Santo (70,2%). Um a cada cinco dire-

tores afirmou também que os livros não chegaram em tempo hábil para o início das aulas. Outra informação relevante e bastante preocupante trazida no documento é sobre o percentual de professores que disse não ter conseguido cumprir todo o conteúdo programado para o ano. Dentre os docentes de 5º ano, o índice é de 51%. Já entre os que lecionam para o 9º ano, sobe para 60%, chegando a 67% na região Nordeste.



Gestão Escolar: Este documento traz informações importantes para entender as especificidades de cada região do país. No Norte e Nordeste, mais de 60% dos diretores de escolas são escolhidos por indicação,

enquanto no Centro-Oeste e no Sul, os percentuais são 25% e 30%, respectivamente, sendo eleição a forma mais comum para escolha do gestor nessas duas regiões. Na média brasileira, 15% dos diretores admitiram desconhecer os resultados do Saeb da própria escola. Em relação aos resultados do Estado, 25% alegaram não saber.



Ambiente Escolares: As questões sobre clima escolar mostram que as escolas têm grandes desafios a enfrentar. Metade dos diretores afirmou já ter havido agressão verbal ou física de alunos a profes-

sores ou funcionários da escola. O menor percentual para este item é registrado na região Norte (41%), enquanto o maior, na Centro-Oeste (60,5%). Agressão verbal ou física entre alunos é algo ainda mais comum: 72,4% dos professores relataram que isso aconteceu no ano vigente.

É importante destacar ainda as respostas dos professores sobre quais fatores estão relacionados aos problemas de aprendizagem dos alunos: 93% disseram que eles ocorrem por falta de acompanhamento e assistência dos pais e 91% por desinteresse e falta de esforço do aluno. Itens relacionados ao professor e a escola em si tiveram percentuais mais baixos de concordância, por exemplo, conteúdos curriculares inadequados às necessidades dos alunos (16,9%) e carência ou ineficiência da supervisão, coordenação e orientação pedagógica (16%). Isso mostra uma percepção de baixa autoeficácia dos professores, que vinculam os problemas de aprendizagem a fatores externos sobre os quais eles têm pouco ou nenhum controle.



Perfil do diretores, professores e alunos: o principal dado deste documento é sobre as expectativas dos professores em relação aos estudantes. **Já no 5º ano, há mais professores que consideram que poucos alunos entrarão na universidade do que aqueles que apostam que muitos seguirão para o Ensino Superior: 21% contra 16%.** E as expectativas dos educadores diminui ainda mais conforme as crianças progredem na escola: dentre docentes de 9º ano, apenas 8% acreditam que quase todos os alunos entrarão na universidade.

Esse diagnóstico é importantíssimo já que diversos estudos apontam que ter altas expectativas é fundamental para engajar os estudantes com a aprendizagem, o que acaba por afetar suas atitudes e resultados.



Inclusão e formação para a diversidade: os questionários do Saeb indicam uma presença massiva de alunos com deficiência ou necessidades especiais no ensino regular. **Nove a cada dez diretores da rede pública afirmam que há pelo menos um estudante nessa condição em sua escola.** Todavia, os desafios para uma real inclusão ainda são grandes: 79% dos diretores acreditam que eles próprios não têm formação específica para trabalhar com estudantes com necessidades especiais e metade considera que nem mesmo os professores têm essa formação.



Repercussão: As análises feitas com base nos questionários do Saeb foram destaque no **UOL**, **Agência Brasil**, **Gestão Escolar**, jornal O Estado de S.Paulo (**coluna da jornalista Renata Cafardo e editorial**) e no **Jornal Nacional**.



1.2. COLUNA PESQUISA APLICADA, EM PARCERIA COM A NOVA ESCOLA

Em 2019, demos seguimento à coluna Pesquisa Aplicada, uma parceria nossa com a Associação Nova Escola para **levar mais evidências de pesquisas a professores** da Educação Básica. **Foram publicados 42 textos ao longo do ano, que renderam mais de 200 mil visualizações.**

Colaboraram professores de renomadas universidades paulistas, como USP, Unesp, Unicamp e UFSCar. Mas não só. A pluralidade de visões foi um dos pontos altos da coluna, que teve contribuições também de pesquisadores doutores da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Fundação Carlos Chagas (FCC), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade Federal da Bahia (UFBA), entre outras.

Discutimos atratividade da carreira docente e eficácia das políticas de bônus para professores, passamos por boas práticas em Educação, importância das altas expectativas, clima escolar, metodologias ativas... Abordamos temas mais leves, como o papel das brincadeiras na sala de aula, e também tópicos difíceis, como desigualdades de gênero, racismo, *bullying* e suicídio entre crianças e adolescentes. Todos os textos da coluna podem ser acessados **[aqui](#)**.



1.3. ESTUDO SOBRE A IMPORTÂNCIA DE UM OLHAR MULTIDIMENSIONAL PARA OS PROFESSORES

Realizamos, em parceria com o Instituto Península, o estudo “Docência em dados: uma visão integral dos professores brasileiros”, que traz informações sobre a formação e desenvolvimento profissional dos docente, seus aspectos socioemocionais, propósito e saúde. O relatório traz informações inéditas, a partir da tabulação de microdados da Talis (*Teaching and Learning International Survey*), e faz também um revisão bibliográfica sobre pesquisas já realizadas sobre os educadores.

A intenção, com o documento, foi levantar uma discussão qualificada sobre a importância de um olhar multidimensional para os docentes. O professor é o fator escolar que mais impacta a aprendizagem dos estudantes e, para que exerça bem o seu trabalho, não basta que tenha conhecimento da disciplina a ser administrada, é necessário que possua também habilidades socioemocionais desenvolvidas, esteja sadio física e mentalmente e se sinta motivado.

Todas essas variáveis devem ser levadas em consideração quando são estruturados programas de formação continuada, por exemplo. As políticas públicas precisam olhar para esses aspectos de forma conjunta, lembrando que o professor é um sujeito completo - com emoções, medos, sonhos e vida pregressa à profissão.

2 COMBATE ÀS DESIGUALDADES EDUCACIONAIS

Entendemos que um sistema educacional não pode ser considerado de qualidade se for apenas para uma minoria. Diversos estudos mostram uma grande correlação entre os resultados de aprendizagem dos estudantes e seu nível socioeconômico, em razão, principalmente, dos estímulos que recebem fora de casa e maior acesso a bens culturais. É papel da Educação combater essas desigualdades, dando mais a quem mais precisa e oferecendo igualdade de oportunidades a todos os alunos, independentemente de quaisquer fatores, como sexo, região onde mora, renda familiar e escolaridade dos pais. Por isso, em 2019, atuamos tanto para evidenciar desigualdades da Educação brasileira que precisam ser enfrentadas com urgência como também para mostrar que é possível conseguir bons resultados em contextos educacionais adversos, como demonstra o estudo Excelência com Equidade no Ensino Médio. Confira, a seguir, os principais projetos deste pilar:

2.1. ANÁLISES SOBRE AS DIFERENÇAS DE DESEMPENHO ENTRE ALUNOS DE NÍVEL SOCIOECONÔMICO ALTO E BAIXO E ENTRE ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA E PRIVADA

A partir da tabulação dos microdados do Pisa 2018, promovemos duas importantes discussões. A primeira delas, sobre a diferença de desempenho entre alunos da rede pública e da rede privada no país, esclarecendo que a análise

olhou somente para a aprendizagem dos estudantes e não para o efeito escola. Dito isso, se forem consideradas apenas as médias das escolas particulares de elite, isto é, aquelas que têm estudantes com nível socioeconômico maior ou igual ao dos países membros da OCDE, o Brasil ocuparia a 5ª posição em Leitura. No entanto, se fossem isolados só os resultados da rede pública, desceria para a 65ª posição.

A análise indica que, mesmo estudantes de nível socioeconômico similar, têm médias diferentes dependendo da escola em que estão matriculados. Todavia, é preciso lembrar que há outros fatores que influenciam os resultados, como os desafios de gestão, em geral, muito maiores na rede pública.

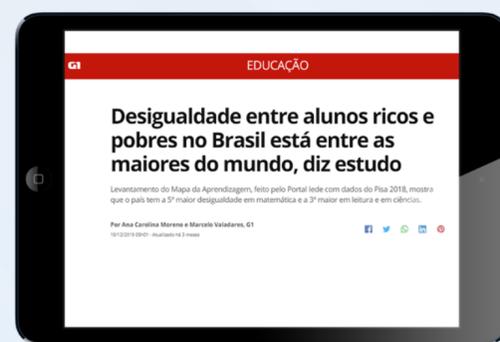
O outro debate foi justamente focado na diferença de desempenho entre jovens de alto e baixo nível socioeconômico, independentemente da escola onde estudam. Mostramos que **estudantes brasileiros de 15-16 anos de alto nível socioeconômico estão quase 3 anos de aprendizagem em Leitura, Matemática e Ciências à frente daqueles de nível socioeconômico baixo.**

De acordo com especialistas, cada 35 pontos de diferença equivalem a 1 ano de aprendizagem, em média. Em Leitura, os alunos de renda mais alta obtiveram 492,2 pontos, já os 33% de renda mais baixa alcançaram 389,6. Essa diferença de 102,6 pontos é a terceira maior dentre os 79 países que participaram do Pisa em 2018. Em Matemática, os estudantes de renda mais alta atingiram 461,8 pontos, enquanto os de baixa, 360,8. Em Ciências, foram 483,3 pontos contra 380,7 (a diferença de 102,6 só foi menor apenas que Israel e

Bélgica). Para reverter esse cenário, o sistema educacional brasileiro precisa urgentemente garantir melhores condições para quem mais precisa.



Repercussão: O **Jornal o Estado de S.Paulo** foi nosso parceiro para levar à população a discussão sobre diferenças de desempenho entre os alunos da rede pública e privada. Já o **G1** e a GloboNews se engajaram na discussão sobre diferenças de aprendizagens por nível socioeconômico.



2.2. LANÇAMENTO DO ESTUDO EXCELÊNCIA COM EQUIDADE NO ENSINO MÉDIO

Em parceria com a Fundação Lemann, o Instituto Unibanco e o Itaú BBA, publicamos o terceiro estudo da série Excelência com Equidade. Desta vez, o objetivo foi **entender o que fazem as escolas públicas de Ensino Médio que atendem alunos de baixo nível socioeconômico e conseguem bons resultados educacionais.**

Definitivamente, não foi algo trivial. O cenário do Ensino Médio brasileiro é bastante desafiador: o Ideb da rede pública pouco avançou desde 2005, quando começou a ser medido, passando de 3,1 para 3,5, em 2017 – índice distante da meta do país para a etapa (4,5). A aprendizagem dos estudantes, de forma geral, é baixa: apenas 29,1% demonstram aprendizado adequado em língua portuguesa, enquanto 9,1%, em matemática. A dificuldade é generalizada pelo país: em dez anos, 14 Estados tiveram queda na proficiência média de português e 16, na de matemática.

Por essa razão, estávamos determinados a encontrar exemplos de escolas que, mesmo em situações adversas, trabalham pela aprendizagem e por um bom fluxo escolar e conseguem construir junto aos estudantes uma base sólida de conhecimentos, capaz de auxiliá-los na realização de seus projetos de vida.



Essas escolas existem, mas são exceção. Das 5.042 unidades de ensino elegíveis, de acordo com o nível socioeconômico dos alunos, 100 (2%) atingiram os indicadores de qualidade propostos (bons resultados no Saeb e no Enem 2017 e taxa de aprovação mínima de 95%). Dessas 100 unidades, 82 são de tempo integral.

Os Estados que apresentaram a maior quantidade de escolas selecionadas foram: Ceará (55), Pernambuco (14), Espírito Santo e Goiás, com 7 cada. Neles, realizou-se a pesquisa de campo, com visitas às escolas e entrevistas com professores, gestores e alunos, a fim de entender em profundidade quais as estratégias e práticas que conduzem aos bons resultados. As principais ações comuns identificadas foram:

 **Tomadas de decisão baseadas em evidências quantitativas e qualitativas;**

 **Foco no uso de dados e no monitoramento contínuo da aprendizagem, com utilização de sistemas integrados de gestão educacional;**

 **Parceria entre professores e alunos, com escuta ativa e quebra do tabu da hierarquia;**



 **Boa interlocução dentro e fora da escola (pais, comunidade e Secretaria de Educação);**

 **Estratégias pedagógicas que conversam com a realidade dos alunos e atendem às diferentes necessidades de aprendizagem, com mescla de métodos de fixação (exercícios e simulados) e métodos que estimulam a criatividade e o protagonismo (feira de ciências, atividades esportivas, tutoria entre alunos e aulas eletivas criadas por eles).**

Evento em São Paulo: no dia 25 de setembro de 2019, houve o lançamento do estudo em São Paulo com a presença de educadores, gestores e alunos de algumas das escolas com bons desempenho. Eles compartilharam com o público um pouco mais do seu dia a dia e do que fazem na busca por uma Educação de qualidade.



Como aluna do colégio Pedro Gomes, senti-me muito honrada pelo convite de representar os meus colegas em São Paulo. Pude participar de uma roda de conversa com pessoas de realidades distintas, com diferentes métodos pedagógicos. Trocamos experiências e contei sobre como as coisas acontecem na minha escola. Tive o prazer de conhecer e aprender com profissionais extraordinários, a quem passei a admirar pela luta constante que vivem por uma Educação de excelência para todos. Agradeço por confiarem em mim para esse debate e também por proporcionarem minha primeira viagem de avião (risos). Toda a experiência foi única e muito especial na minha vida.”

Rayane Aparecida da Silva, aluna do Centro de Ensino em Período Integral Professor Pedro Gomes, em Goiânia (GO).



Repercussão: O estudo gerou reportagens e análises em diversos veículos de comunicação, tanto de âmbito nacional, como estadual e local. Acesse alguns: [Jornal Nacional](#), [O Estado de S.Paulo](#), [Porvir](#).

Contexto: A série Excelência com Equidade teve início em 2012, com o mapeamento de escolas públicas que atendiam alunos de baixo nível socioeconômico e conseguiam bons resultados nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A partir de 2015, começaram a ser estudados os anos finais. O objetivo é disseminar boas práticas em Educação - não para que sejam copiadas indistintamente, mas para que provoquem reflexão e sirvam de inspiração a outras escolas e redes.

O estudo [Excelência com Equidade no Ensino Médio pode ser acessado aqui](#). Já o estudo dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental estão [disponíveis na página da Fundação Lemann](#).



2.3. REALIZAÇÃO DO PROJETO EDUCAÇÃO QUE FAZ A DIFERENÇA

Junto ao Instituto Rui Barbosa (IRB), associação civil de estudos e pesquisas que visa a aprimorar as atividades dos Tribunais de Contas do país, lideramos o estudo Educação que Faz a Diferença, que tem dois grandes objetivos:

- 1** Valorizar o que dá certo na Educação pública, reconhecendo em escala redes municipais de ensino, de todas as regiões do país, que estão conseguindo bons resultados.
- 2** Inspirar outras redes a perseguirem um ensino de qualidade com equidade e auxiliá-las nessa tarefa por meio da disseminação de boas práticas de gestão e relacionadas à Secretaria de Educação para o Ensino Fundamental.

Participam do estudo todos os 28 Tribunais de Contas com jurisdição na esfera municipal. Os auditores de tais órgãos, após capacitação online e presencial e sob orientação ininterrupta do lede e do IRB, visitaram 115 escolas públicas, de 69 redes de ensino, espalhadas por todos os 26 Estados e o Distrito Federal. A seleção das escolas e redes a serem estudadas levou em consideração indicadores de aprendizagem no Saeb e informações sobre fluxo escolar.

A ideia foi entender, à luz das diversidades geográficas, culturais e socioeconômicas do Brasil, que não são poucas, o que de fato faz a diferença para garantir a aprendizagem dos estudantes. Dessa forma, o estudo traz um mapeamento nacional consistente sobre as práticas e estratégias das redes com bons resultados no Ensino Fundamental.



“

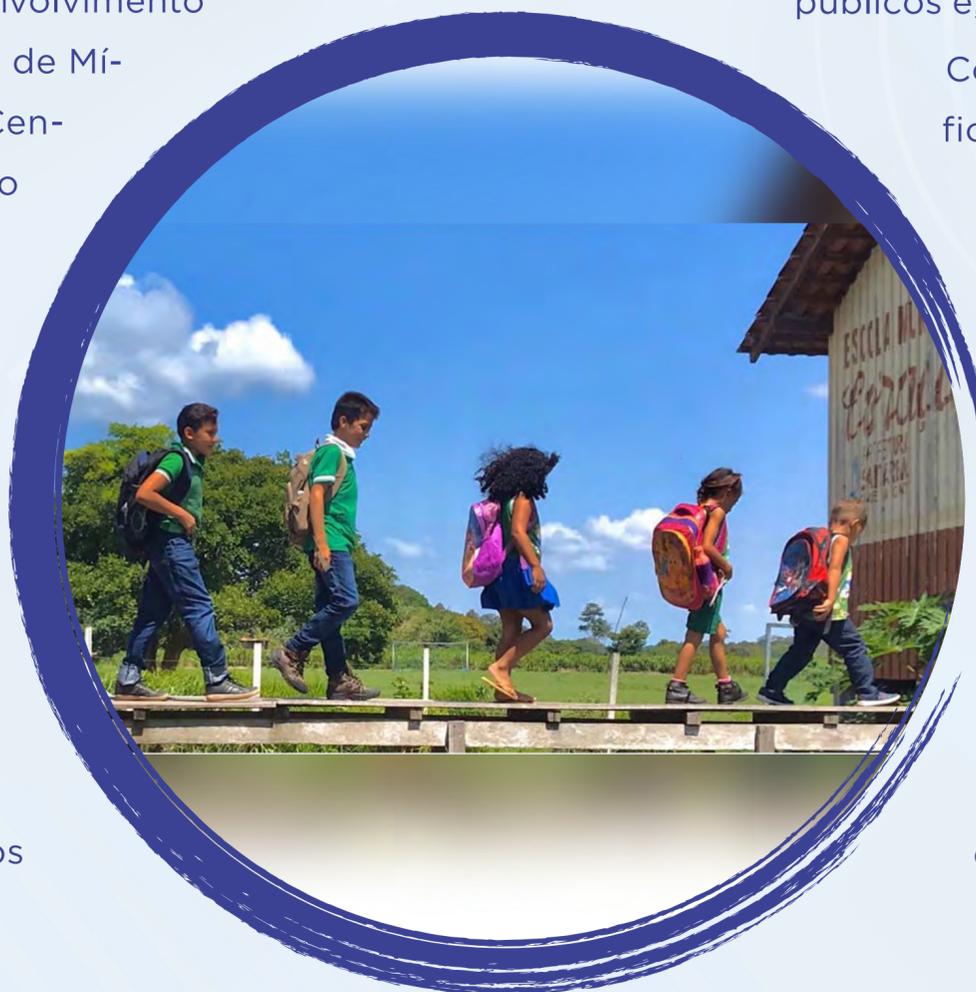
Nessa parceria inédita, buscou-se aliar a expertise em Educação e em trabalho de campo dos pesquisadores do lede com a ampla capilaridade e conhecimento técnico dos Tribunais de Contas. Como resultado do projeto, foram mapeadas as boas práticas nas redes municipais de Ensino Fundamental de todo o país. Além do importante impacto desse trabalho para a Educação brasileira, que pode inspirar redes com resultados ainda insatisfatórios a aprimorarem sua atuação, há também expressivo ganho para a própria qualificação do controle exercido pelos Tribunais de Contas em políticas públicas”

Cezar Miola, presidente do Comitê Técnico da Educação do Instituto Rui Barbosa (IRB), parceiro do lede na liderança do estudo.



2.4. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DOS CENTROS DE MÍDIAS DO AMAZONAS E DO PARÁ

A pedido do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), realizamos a avaliação diagnóstica do Centro de Mídias de Educação do Amazonas (Cemeam) e do Centro de Mídia do Sistema Educacional Interativo do Pará (SEI). Os programas funcionam da seguinte maneira: há estúdios centrais onde os chamados professores ministrantes conduzem as aulas, que são transmitidas em tempo real a escolas de comunidades mais afastadas, em geral, ribeirinhas. Nessas escolas, um professor mediador fica responsável pelos estudantes e por ligar os equipamentos tecnológicos. Os alunos participam e tiram dúvidas via online, com o professor ministrante. O programa proporciona acesso educacional em localidades com baixa oferta de serviços



públicos e, em geral, sem nenhuma opção de Ensino Médio regular.

Com o objetivo de diagnosticar os pontos fortes e os desafios de implementação dos programas, para que possam ser aprimorados, os pesquisadores do Iede realizaram visitas a seis escolas do Amazonas, de três municípios, e a sete do Pará, também de três municípios, que contam com Ensino Médio mediado por tecnologia. Nestes locais, além de observações de aulas, foram conduzidas entrevistas com estudantes e professores mediadores, assistentes de direção e diretores. A equipe de pesquisadores acompanhou também gravações de aula e entrevistou profissionais da Secretaria de Estado da Educação (Seduc), das Coordenadorias Regionais de Educação (CRE) e dos centros de mídias.

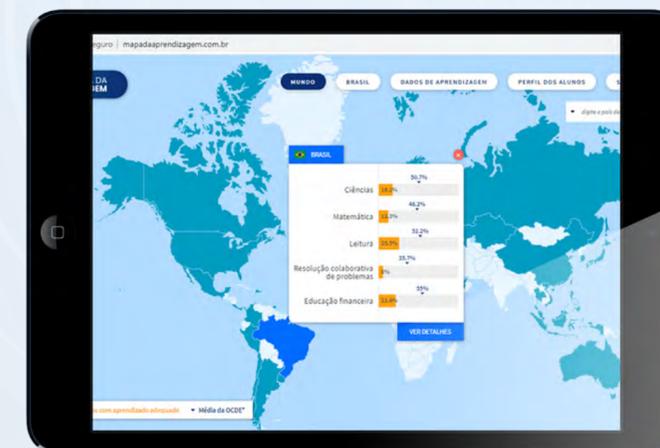
3 AVALIAÇÕES DIAGNÓSTICAS COM SIGNIFICADO PEDAGÓGICO

Desde 1990, existe no Brasil o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) para avaliar a aprendizagem dos estudantes e sua evolução ao longo do tempo. O país também participa do Pisa (*Programme for International Student Assessment*) desde a sua primeira edição, em 2000. Há, portanto, muitos dados diagnósticos disponíveis, e isso sem contar as avaliações específicas aplicadas por cada uma das redes de ensino, como em São Paulo, em que existe o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (Saresp). A questão que nos colocamos é se estamos fazendo a melhor leitura e uso dessas informações. Estamos utilizando as avaliações para fins práticos de melhorar a aprendizagem dos alunos? De que forma essas avaliações contribuem para que redes de ensino, escolas e educadores aprimorem suas estratégias e práticas pedagógicas? Por acreditarmos que as avaliações precisam ter um significado pedagógico claro, realizamos os projetos a seguir:

3.1. LANÇAMENTO DO MAPA DA APRENDIZAGEM

A plataforma **Mapa da Aprendizagem** é uma parceria nossa com a Fundação Lemann e o Itaú BBA. Nela, é possível acessar as médias e o percentual de alunos com aprendizado adequado de todos os países participantes do Pisa, divididos por nível socioeconômico e sexo. No caso do Brasil, há os dados também por região. Na aba Perfil, estão compiladas algumas questões que permitem compreender melhor quem são os estudantes de cada localidade, suas expectativas e apoio que recebem da família.

A intenção com a plataforma é possibilitar análises mais sofisticadas a partir dos dados do Pisa, olhando para além das médias dos estudantes. É possível, por exemplo, saber como os países estão em relação à equidade, verificando as diferenças de desempenho entre alunos de alto e baixo nível socioeconômico. Ou então como estão em relação a outras nações do mesmo continente.



3.2. AJUSTES E MUDANÇAS NAS AVALIAÇÕES À LUZ DA BNCC

Com a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que traz o conjunto de aprendizagens que deve ser cumprido por todas as instituições de ensino do país para cada etapa escolar, as avaliações também precisam de mudanças. É necessária uma revisão das matrizes e descritores adotados. Por isso, trabalhamos com o Movimento pela Base para identificar as mudanças necessárias nas avaliações para que estejam alinhadas à BNCC, possam ter significado pedagógico e ajudar na consolidação de um projeto educacional coerente e coeso para o país.

4 PROJETOS CONTRATADOS

A pedido de organizações de diferentes regiões do país, o Iede também realiza análise de dados e avaliações de projetos. Os escopos de trabalho são definidos com cada instituição, individualmente, a depender de suas necessidades. Almeja-se, dessa forma, contribuir para que possam melhorar seus processos e tomar melhores decisões, visando a beneficiar um número maior de estudantes. Todos os trabalhos aceitos pelo Iede são da área de Educação e estão alinhados à nossa visão de ter um sistema educacional de referência no país. Conheça um pouco mais sobre os projetos contratados realizados em 2019:

4.1. ANÁLISE DAS ESCOLAS DA REDE SESI

A parceria realizada com a Confederação Nacional das Indústrias (CNI), em 2018, se repetiu em 2019. Ao contrário do ano anterior, em que foram analisados os resultados da rede Sesi no Enem e no Saeb em relação às demais escolas de Ensino Médio do país, desta vez, o foco foi entender em profundidade quem são e o que pensam alunos, professores e diretores da rede.

Para isso, foram tabuladas as respostas desses atores aos questionários do Saeb 2018. A partir delas, foi possível conhecê-los melhor: idade, raça, formação, tempo de carreira, em quantas escolas trabalha, remuneração, etc. Além disso, saber quais são as principais práticas pedagógicas e de gestão adotadas, como

enxergam o clima escolar e uso de novas tecnologias na escola, entre outros aspectos. Tais respostas foram comparadas às dos profissionais de outras redes de ensino, para compreender no que eles se assemelham e se diferenciam, e quais os pontos de destaque da rede e aqueles que precisam ser melhorados.



Nas últimas décadas, o Brasil investiu na consolidação de sistemas de avaliação da Educação Básica e Superior. No entanto, o país precisa avançar cada vez mais no desenvolvimento de estudos que analisem os resultados das avaliações e desenvolvam interpretações mais aprofundadas sobre o universo escolar. Esse é o único meio possível para que as avaliações educacionais possam ir além da sua função diagnóstica e se transformem efetivamente em instrumentos de mudança, que apontem caminhos para acelerar o movimento de melhoria e inovação das escolas brasileiras. Nessa direção, o Iede cumpre um importante papel ao desenvolver análises diferenciadas que transformam dados em conhecimento e ampliam o olhar sobre os caminhos que o país precisa trilhar para garantir uma Educação de qualidade e alinhada aos desafios do século XXI.”

Ana Luiza Amaral, doutora em Educação e especialista do Observatório Nacional da Indústria da CNI.



Apoio para a melhoria de planos de aulas da Nova Escola

Como suporte à Associação Nova Escola, analisamos os resultados da avaliação de impacto dos planos de aula feitos pela organização. A avaliação de impacto foi conduzida, em 2018, pela Faculdade de Economia da USP de Ribeirão Preto (FEA-RP/USP).



Olhar para o Ensino Superior....

Fizemos uma consultoria para a Tide Social, apoiando a organização na elaboração de uma pesquisa com estudantes do Ensino Superior sobre suas perspectivas para o futuro.



...E para o que é urgente em Educação

Trabalhamos também na construção de teorias da mudança para a B3 Social, a fim de auxiliá-los na definição de quais serão seus temas prioritários de atuação em Educação nos próximos anos.

EQUIPE



Ernesto Martins Faria
diretor-executivo



Gustavo Rodrigues
pesquisador



Leticia Maggi Silveira
coordenadora de comunicação



Matheus Mascioli
pesquisador



Vinicius de Moraes
coordenador de pesquisas

Conselho consultivo



Antônio Gois
presidente da Jeduca,
Associação de Jornalistas
de Educação



Camila Pereira
diretora de políticas
educacionais na
Fundação Lemann



Claudia Costin
diretora do Centro
de Excelência e
Inovação em Políticas
Educacionais da FGV-RJ



Pilar Lacerda
diretora da Fundação
SM Brasil

Comitê técnico



Adolfo Calderón
professor da PUC-Campinas



Charles Kirschbaum
professor do Insper



Daniel Domingues dos Santos
professor da USP



Jonei Cerqueira Barbosa
professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA)



Luiz Scorzafave
professor da USP



Raquel Guimarães
doutora em demografia pela UFMG



Regina Madalozzo
professora do Insper



Silvio Fiscarelli
professor da Unesp



Tadeu da Ponte
professor do Insper



Tatiane Cosentino Rodrigues
professora da UFSCar



Telma Vinha
professora da Unicamp



iecede

Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional

www.portaliecte.com.br
contato@portaliecte.com.br
facebook.com/portaliecte
twitter.com/portaliecte
linkedin.com/company/portaliecte
